

AS CATÁSTROFES NATURAIS

por Mário Soares

O ser humano em geral tem pouco respeito pelos equilíbrios da natureza e não hesita em pô-los em causa, se tiver interesse nisso, mesmo transitório. Em tempo de globalização, poucos são os seres humanos que pensam que o mundo é um só e que os desequilíbrios ecológicos – quer ocorram na China, na Austrália ou no sul da Ibero América – dizem respeito a todos, ricos ou pobres, desenvolvidos ou subdesenvolvidos, porque afectam o nosso Planeta, a nossa Casa Comum, como lhe chamou Gorbachev.

Apesar de se ter feito um esforço considerável – e planetário – para dar às pessoas a consciência dos riscos que o nosso Planeta corre, dado o desrespeito pela natureza e pela biodiversidade, em virtude do comportamento humano que, no nosso tempo conturbado, põe acima de tudo o valor do dinheiro e a ganância do lucro, a verdade é que não existe ainda uma verdadeira cultura ecológica, que nos obrigue a todos à escala planetária. Como se viu recentemente com o desaire que resultou da Conferência de Copenhaga, sobretudo dada a irresponsabilidade das duas maiores potências mundiais: os Estados Unidos e a China, seguida por alguns países emergentes, como o Brasil e pela impotência inaceitável da União Europeia, que permanece verdadeiramente de braços cruzados, sem acção, ignorando o que tinha proposto fazer.

Nos últimos anos, após a Conferência de Copenhaga, temos vindo a assistir a uma série de sucessivas catástrofes, de diferentes naturezas, como para chamar a atenção das pessoas para a necessidade urgente de respeitar os equilíbrios ecológicos do Planeta. Cito apenas as catástrofes que a minha memória registou: tsunamis e furacões em várias regiões do mundo, que fizeram milhões de mortos, dos Estados Unidos à China, no Paquistão, onde as inundações foram as maiores de sempre, na própria Europa e em vários países da Ibero América; tremores de terra, como no Haiti, violentíssimos, onde milhares de pessoas ainda estão desalojadas, sem casa, dormindo em tendas, sem recursos e também no Japão e noutros lugares; o vulcão na Islândia que entrou subitamente em erupção e expeliu fumos, que os ventos espalharam por grande parte da Europa e obrigaram a fechar muitos aeroportos, paralisando grande parte dos transportes aéreos europeus; a maré negra, causada por uma fuga técnica do petróleo – da responsabilidade da British Petroleum – que espalhou grandes quantidades de petróleo por muitos quilómetros ao longo do Golfo do México, atingindo praias e zonas costeiras que ficaram inutilizadas e destruíram a biodiversidade em extensas áreas; as inundações inesperadas, em período estival, que estão a atingir áreas consideráveis da Europa do Centro e do Norte e que tiveram proporções de catástrofe para populações de países como a Alemanha, a Polónia e a República Checa; os incêndios que consomem florestas e parques florestais – às vezes casas – e atingem agora populações da Europa do Sul, incluindo Portugal; a vaga de calor excepcionalíssimo que atacou a Rússia e tornou em certas cidades o ar irrespirável, fazendo com que ardessem imensos campos de cereais; o bloco imenso de gelo do Ártico que se separou desse Continente e está a deslocar-se no oceano, arrefecendo as águas e matando as populações marinhas; etc., etc.

Tudo isto, que constitui apenas um inventário incompleto, tirado de diferentes jornais internacionais, leva-nos a pensar que devemos observar e respeitar a natureza e procurar conhecer as causas de todas estas catástrofes, que, em conjunto, se afiguram – não quer dizer que o sejam – inabituais. É certo que hoje sabemos tudo o que se passa na Terra, ao mesmo tempo, e seja em que lugar for. Antigamente, não era assim. É o que resulta da Revolução Informática e dos progressos das Comunicações. Mas mesmo assim, são demasiados fenómenos simultâneos – e alguns incompreensíveis – que devem obrigar-nos a reflectir.

Será consequência, como muitos cientistas afirmam, do chamado aquecimento global, provocado pelo excesso de CO₂ em função de uma cada vez maior utilização do petróleo, do gás e do carvão? Por mim, por tudo quanto tenho lido, penso que sim, pelo menos em boa parte. É por isso que grandes potências – como os Estados Unidos e a China – não terem a coragem de tomar medidas capazes de diminuir radicalmente o CO₂, na atmosfera, e da União Europeia ter ficado inactiva, em Copenhaga, apesar de ter afirmado o contrário, foi um péssimo exemplo para a Humanidade, que urge mudar, quanto antes.

Os incêndios em Portugal

Há vários dias que as televisões portuguesas não mostram e não falam noutra coisa. O desastre, de amplas proporções, tem sido mais grave no norte do que no sul, embora em Sintra e noutros locais próximos de Lisboa, tenha havido bastantes estragos.

O ministro da Administração Interna, governadores civis e presidentes de Câmara, falam de fogo posto e de mãos humanas criminosas. É possível. Mas os pirómanos apanhados, até agora, não parecem ser tantos – nem tão activos – que possam, por si sós, explicar um fenómeno, que praticamente se repete todos os anos, com maior ou menor intensidade. Toda a gente elogia – e com razão – o trabalho imenso e abnegado dos bombeiros, com vidas perdidas, todos os anos, na luta contra os incêndios, apesar de terem crescido os meios de combate aos incêndios, aéreos e terrestres.

A grande falta – há que o reconhecer – é de, em devido tempo, não termos sido capazes das acções preventivas de protecção e limpeza das Florestas, dos Parques Florestais e das grandes áreas abandonadas ao mato e ao restolho, que não se sabe sequer a quem pertencem. Ainda há poucas semanas estive em Arcos de Valdevez e visitei o Parque Florestal lindíssimo da Peneda Gerez e o Soajo. Toda a gente se me queixou da perda de meios humanos e materiais para protecção do Parque. Faltam guardas, não há cantoneiros para limpar as estradas, ninguém corta o mato das propriedades abandonadas e poucos saberão a quem pertencem.

Contudo, representam, segundo escreveu o Expresso, um quinto do território nacional. Como é possível este abandono? Com tanta gente desempregada, que recebe o subsídio de desemprego – e depois faz biscates, numa espécie de economia paralela – não seria melhor empregar umas centenas ou mesmo milhares dessas pessoas para cuidarem das Florestas e dos Parques – que constituem uma grande riqueza nacional – e para fiscalizarem e limparem os baldios abandonados? Ao mesmo tempo que se deve – quanto antes – inventariar todas as terras abandonadas e conhecer todos os seus proprietários, comprando-lhes os terrenos ou, se não quiserem, obrigando-os a pagar uma coima pelo abandono?

Julgo que o melhor caminho para reduzir os incêndios, que nos afligem todos os anos, é o que sugiro. Porque reduz o desemprego e valoriza o nosso Património.

Fidel e Cuba

Fidel reapareceu em público, aparentemente curado de uma doença que o dava praticamente como moribundo. Dias depois de terem sido libertados 52 prisioneiros, por delitos de opinião, dada a pressão do ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Miguel Ángel Moratinos e do arcebispo de Cuba, Jaime Ortega, sendo que Moratinos actuou em nome da União Europeia. Pensava-se que seria um passo decisivo para a democratização de Cuba. Mas não foi. Fidel resolveu falar ao Senado e apareceu nas televisões de diversos países. Mas não disse nada de importante: fez um apelo aos Estados Unidos – e a Obama, em especial – para tratar bem o Irão.

Omitiu a China e a Rússia relativamente ao mesmo assunto. E pergunto: em que qualidade falou? Como velho líder, há meio século, ou como proprietário de Cuba? Não o disse. Porque realmente não disse nada. Deixou apenas uma mensagem subentendida: que tudo continuava na mesma e que é ele que continua a mandar.

Vi-o na televisão. Deixou uma imagem patética. Com alguma dificuldade na fala e uma pessoa extremamente fatigada. Après moi le déluge, é o que se deve pensar. Um mau fim!

Lembro-me bem de Fidel há cinquenta anos, após Sierra Maestra, quando entrou em Havana, jovem, herói revolucionário, vencedor da ditadura odiosa de Baptista. Passaram os anos, em 1964, depois da tentativa frustrada da Baía dos Porcos, fomos, a convite da embaixada de Cuba em Lisboa, o meu amigo Fernandes Fafe e eu, a Cuba, clandestinamente, via Roma, Zurique, Praga, Canadá e Cuba. Num avião soviético ainda a hélice, chegando a Cuba dois dias depois da partida de Roma. Não encontrámos Fidel de Castro. Não tínhamos importância política para tanto. Mas percorremos a ilha, ouvimos um discurso, insuportavelmente longo, de Fidel e falámos com intelectuais cubanos e com políticos que ainda tinham esperança e nos acompanharam. Ficámos quase um mês. Por mim, fiquei pessimamente impressionado. Não era o comunismo, com xá-xá-xá, como nos tinham dito, mas um comunismo à soviética, puro e duro.

Muito mais tarde, bastante depois da normalização democrática portuguesa, que se seguiu ao delírio do PREC, encontrei Fidel numa reunião da Comunidade Ibero-Americana, que se realizou, salvo erro, na Bahia (Brasil). Cavaco Silva estava presente como primeiro-ministro e era o Rei de Espanha que presidia à sessão. Fidel queixou-se da falta de solidariedade para com Cuba, dos países presentes. E citou o exemplo de Portugal, cuja Revolução ele disse ter ajudado. Coube-me responder-lhe: "O

Senhor não ajudou a Revolução, ajudou o PCP, o que é diferente, porque quis fazer de Portugal uma Cuba europeia". E acrescentei: "eu tive uma grande admiração por si quando venceu o ditador Baptista, o pior é que hoje dirige um regime mais opressivo do que o de Baptista, tem mais presos do que havia antes do Senhor chegar ao poder. Uma ditadura mais violenta que, para sobreviver, recorre ao tráfico de droga, ao turismo sexual para os ricos e mantém um regime despótico". Quando acabei de falar houve um silêncio geral, consternado. Fidel quis responder. Mas o Rei de Espanha resolveu interromper a sessão e convenceu Fidel a não responder...

Encontramo-nos depois em outras ocasiões. E falámos sempre com muita frieza. Perdi uma caixa de charutos que ele sempre me enviava no Natal. Vi-o agora na televisão e, sinceramente, fez-me pena...

Vau, 17 de Agosto de 2010